Faria Neves Sobrinho
(da Academia Pernambucana de Letras)

Pôr de Sol

Imprensa Industrial
—1920 RECIFE—

Ao Professor W. J. Robertson
homenagem
de
Faria Neves Sob.º

PÔR DE SOL

22-julho-1920

Faria Neves Sobrinho
(da Academia Pernambucana de Letras)

PÔR DE SOL

Imprensa Industrial
—-1920—RECIFE—

OBRAS DO AUTOR

Chimeras; versos, Recife, 1890.—Edição esgotada.
O Hydrophobo, contos, Recife, 1896.—Hugo & C., editores.
Morbus, romance, Recife, 1898.—Laemmert & C , editores.
Estatuaria, Poema do Olhar, versos, Recife, 1903. Edição esgotada.
Estrophes, versos, Rio de Janeiro, 1911.—Garnier, Irmãos, editores.

A meus filhos

O ROCHEDO E A LYMPHA

O Rochedo e a Lympha

Sobre um duro rochedo a agua corria
e ao rochedo dizia:

—Bem pedra és tu, rochedo indifferente
ao beijo undoso que perennemente
teu dorso acaricia!
meu corpo transparente

em lascivos colleios se espreguiça
sobre teu corpo rispido e rugoso
e, langue de volupia e de cobiça,
offerta-se ao teu goso...

Tu, no entanto, és o mesmo: continúas
forte, sereno, immovel, impassivel
á offerta que te faço, ha centos de annos...

E o rochedo falou:

—Quanto insinúas,

lympha teimosa e instante,

vem do mais illusorio dos enganos:

suspeitas-me insensivel,

porque me entrego inerme

aos teus humidos beijos de agua amante?

Quando teu corpo liquido colleia
sobre a aspereza pétrea de meu dorso,
sinto bem que, subtil, sem grande esforço,
me vai rasando, aos poucos, a epiderme
e levando-a, desfeita em grãos de areia...

Lympha corrente, lympha crystallina,

queixas-te, porque queres:
tua lenta caricia femenina
lembra a caricia humana das mulheres...

CHUVAS

Chuvas

E' quasi sempre assim:

Hontem, que dia!

lembram-se? o céo fechado

dava a todas as cousas, no ar parado,

a afflictiva oppressão de uma asphyxia.

Mas choveu toda a noite.

E, hoje, lavado,

resplende o azul do céo, numa alegria
nova, serena, limpida, macia...

Que grande bem me fez haver chorado!...

O RIO

O Rio

E' sempre o mesmo leito pedregoso
e, sobre o mesmo leito, o mesmo rio,
a soluçar queixoso
o mesmo murmurio...

Tão só, no eterno marulhar das maguas,
não são mesmas as aguas...

E eu penso em mim, nas illusões fanadas,
sempre desfeitas, sempre renovadas...

E comparo-me ao rio, tristemente...
E comparo-as ás aguas da corrente...

A FAGULHA

A Fagulha

Jubilo inesperado,
que hoje, invadindo a minha vida austera,
vieste, com teu sorriso inopinado,
illuminar o meu grisalho outomno,
dando-lhe uns falsos tons de primavera!
Cuidas que aos teus enganos me abandono?

Vezes, por sob a cinza que se acama
sobre a lenha combusta da fogueira,
subitamente a brasa derradeira
crepita e accende-se em fagulha e chama...

Jubilo intenso que hoje em mim borbulha!
Chama fugace! Rapida fagulha!...

NEVOAS

Nevoas

(No album de Beroaldo Mello)

Veio o sol e aqueceu a agua do lago:
e, depois de aquecel-a todo o dia,
foi-se. E a noite desceu, calma, estrellada, fria,
num silencio amplo e vago...

Quando, resplandecente,
surgiu nos céos a gloria matutina,

a agua do lago, resentidamente,
saudosa do calor do sol ausente,
era toda coberta de neblina...

Eu tambem te aqueci ao calor de meus beijos:
que claro olhar o teu, na febre dos desejos!
translucido! profundo! sem refolhos!

E eis que eu tambem me fui. Mas, emfim pude,
vencendo o agror de meu destino rude,
voltar a ti de minha soledade...

Ai de mim! não velava o lago de teus olhos
a nevoa mais fugaz, mais subtil da saudade...

O ESPELHO

O Espelho

«Espelho amigo, vê como estou triste!
Nem já pareço o mesmo que hontem viste
todo garboso e ufano!
Dize-me, espelho: terá sido engano
o que meus olhos viram?

Foi para mim, de certo,

que aquelles labios humidos sorriram...
que aquelle olhar de encanto,
como que immerso em luz do paraiso,
brilhou no meu deserto...
Foi para mim...
Sem duvida?
Supponho.

Espelho amigo, entanto,
hoje a dona do olhar e do sorriso
simulou não me ver, voltando o rosto...
Porque?... Não sei...
Parece-me que sonho
attonito, aturdido
dentro de minhas penas,

dentro de meu desgosto...
Dize-me, espelho, com teus modos francos:
heim?... porque terá sido?...»

O espelho não falou: mostrou-me apenas
os meus cabellos brancos.

SAUDADE

Saudade

Noite. Silencio. Ouço bater á porta.
«Ella?! Terá voltado a esta hora morta?!»
Bate-me o coração em descompasso,
numa ancia de saber, numa agonia...
Ergo-me a ver. Meu passo
tem, na casa vasia
nesta hora morta, uma sonoridade...

Abro a janella. Espreito.
Ninguem. Deserta a rua. Arfa-me o peito,
e fico a olhar a rua, tonto, a esmo...

Socega, coração! foste tu mesmo
que bateste de amor e de saudade...

A ARVORE

A Arvore

Feliz?... De certo o julgas, pois o dizes.
Que não te illudas na suspeita arguta:
vezes o que em dôr intima se enluta
manifesta a apparencia dos felizes.

Vês essa arvore em frente, sobre a altura?
Agora mesmo o sol, do occaso em chamma,
sobre a folhagem da arvore derrama

tal esplendor, que a fronde verde-escura
toda parece em flamma...

Possa, no entanto, o olhar com que a fitamos
passar da superficie,
e ha de ver-lhe o negror por entre os ramos
e que sombra ella estende na planicie!

RAIO DE SOL

Raio de Sol

No aposento fechado
a escuridão domina por completo.
Eis, subito, indiscreto
raio de sol dourado
entra, em fresta miniscula coado,
sobre a cal nova da parede nua
grava um disco de lua,

e, reflectido, envolve quanto alcança
na doçura da luz de um plenilunio...

Alma fechada em trevas de infortunio,
abre uma fresta a um raio de esperança!

A Jaça

Soffres, porque, subido,
chegado ao alto, em plena claridade,
baldões e injurias hoje te lapidam?
Estranhas que te aggridam
quantos se tinham desapercebido
de ti, na sombra da mediocridade?...

E' que... Repara agora, na luz franca,
a gemma deste annel. Pura? Perfeita?
Certo o dirás, vendo-a luzir tão branca
dentre o engaste que a abraça...
Põe-na em fóco, porém, observa, ageita:
has de notar-lhe a jaça.

A FONTE

A Fonte

Aproximo-me e escuto:
E' uma fonte que chora. O argenteo fio
d'agua, que em seu maguado murmurio
vai mansamente, timido e hesitante,
juntar o seu queixume gotejante
ao soluço de um rio,
nasce da entranha de um rochedo bruto...

E eis-me agora a pensar, absorto e quedo,
em mutismo profundo,
que muito humano coração no mundo
é mais arido e estéril que um rochedo.

A LUZ E A SOMBRA

A Luz e a Sombra

A luz, vencendo a custo o seu desgosto,
interpellou, um dia, a sombra esquiva:
— Por que razão me evitas, fugitiva,
e, mal surjo e clareio,
pões entre nós um corpo, de permeio,
e te escondes veloz do lado opposto?

Porque?... Medo ao meu lume deslumbrante?...
Invencivel terror á claridade?...
Ousa fitar-me agora, fronte a fronte;
verás que em meu semblante,
no esplendor da evidencia e da verdade,
nada ha que te amedronte...

— Medo?!... responde a sombra em tom ligeiro,
medo?!.. Bem me é de ver que te não custa,
pesar de teus lampejos de luzeiro,
ser cavillosa e injusta.
Ter eu medo de ti!... Não falas serio.
Temos ambas no mundo igual imperio.
Porque falar assim, como falaste?

Bem sabes e conheces
que não me assusta o fogo de teu raio.
Tão só, porque vivemos em contraste,
quando chegas, eu saio,
e tudo invado, se desappareces...
Este contraste, que entre nós existe
e em franco antagonismo nos separa,

é que te fez alegre e me fez triste,
é que me fez escura e te fez clara.
Ter eu medo de ti!... Certo apparentas,
no esplendente luzir de teus fulgores,
no ouro de tuas graças opulentas,
ares dominadores...
Eu sou modesta.

E eis ora a differença
que, mais que todas, nos distingue: é immensa
e leva-me a julgar que bem mais valho
que tu:
No orgulho fulgido que ostentas,
attraes, deslumbras, cégas e afugentas:
eu acolho e agasalho...

O INSECTO

O Insecto

«Choras, meu filho? Dóe-te a mão? ferida?
Não?... Mas vejo que soffres, que padeces...
Picou-te insecto máo que não conheces?...
Deixa-me ver a mão entumescida...
Como foi isso? Fala:
Brincavas no jardim... eras pedreiro...

viste pequena pedra num recanto,

ao fundo de um canteiro...

viste-a... correste célere a apanhal-a...

mal a colheste, entanto,

picou-te o insecto... E desataste em pranto,

Qual foi, não sabes. Se o tivesses visto,

com que cégo rancor indominado

tel-o-ias esmagado!...

Mas o insecto fugiu.

Foi melhor isto,

bem melhor que assim fosse, filho amigo!

Teu gesto rancoroso

fôra atroz, injustissimo castigo!

Dos dois és tu sómente o criminoso:

Quando apanhaste esse calháo limoso,
tu desfizeste um sacrosanto abrigo,
tu destruiste um tecto!

Que farias, meu tilho, sendo o insecto?

A ESCARPA

A Escarpa

— Olha, papai, disse-me um filho um dia
(e seu dedinho esperto
apontava-me, ao alto, a penedia,
cujo escarpado pincaro fugia
para as alturas limpidas do espaço)
— Olha o céo como é perto!...
Basta a gente subir e erguer o braço...

Sorri da ingenuidade;
mas fiquei a pensar, entristecido,
nas asperas escarpas que hei subido,
no anceio vão pela felicidade...

CÉO ESTRELLADO

Céo Estrellado

Vês? estás contemplando a maravilha
desses longinquos páramos profundos
do céo, que a noite pura
de astros, de estrellas rutilas polvilha?...

Pois todo esse esplendor da immensa altura,
sóes e sóes e mais sóes, mundos e mundos,

tudo, tudo foi meu, bem meu, que, um dia,
m'o deu, num sonho, a accesa fantasia!...
Era o céo constellado amplo thesouro...
Eram mundos e sóes pepitas de ouro...
E eu...
Porque estás a olhar-me entrerisonho?
Foi chiméra de instantes, sonho ardente...

Quantos vivem, porém, continuamente
dentro de um sonho!...

URUBÚS

Urubús

Estava o céo tão limpido, tão puro!
E, repentinamente,
surge, nodoando a abobada nitente,
lá, muito ao alto, um movel ponto escuro
que parece descer, que desce; e, em breve,
— asa negra espalmada — já bem perto,
riscando em largo vôo o céo aberto,
reduplicados circulos descreve.

E eis que outra asa apparece, e outra, e outra ainda,
umas como por outras attrahidas:
e agora, em todo o céo da tarde linda,
rondam rémiges negras distendidas...

Cuidados, que rondais dentro em minh'alma,
viestes assim turbar-me a vida calma!

A LAGÔA

A Lagôa

Ouve tu, cuja vida vai serena
entre males tantissimos da terra,
a lição não pequena
que este meu verso encerra:

Jogada por mão destra a pedra vôa.,.

Clara, lisa, polida, reflectindo
na superficie limpida o céo lindo,
fulge ao sol a agua quieta da lagôa...

Vem feril-a o calháo arremessado.
E logo, em torno ao ponto vulnerado,
a agua se encrespa em circulos undosos

que se vão dilatando, marulhosos,
levando, no marulho,
a toda a redondeza do alagado
a agitação do subito mergulho...

Onde ora mais a imagem do céo lindo,
que estava a agua tranquilla reflectindo?...

AVES MIGRADORAS

Aves Migradoras

Eil-as de volta, as aves migradoras...
A terra agora rejuvenescida
(vai longe a ardencia caustica do estio;
derrama o inverno as chuvas bemfeitoras)
novamente as convida;
e eil-as de volta, as aves migradoras...
Que alegria, que jubilo vadio,

feito de bater de asas, de pipilos,
de arrulhos, de trinados,
alvorota os reconditos tranquillos,
enche agora a floresta e os descampados!...

Sonhos alados da primeira idade!
Ai, sonhos!... Que saudade!

O SILENCIO

O Silencio

— Foge ao tumulto, á febre, ao goso, á lida:
busca o silencio, a grande paz dos ermos!
No silencio acham balsamo á ferida
os doloridos corações enfermos...

E elle:

— O silencio... a paz... Eu de lá venho,

dos mudos ermos: que o cansaço e o tedio,
no torturado empenho
da afflictiva procura de um remedio,
para lá me levaram...
E, ai! pungente ironia!
no silencio, na paz que me envolvia,
foi que os peccados intimos gritaram...

O SOL E A NUVEM

O Sol e a Nuvem

O sol, franzindo o fulvo sobrecenho,
disse á nuvem ligeira:
— Atrevida que és tu, mácula escura!
Quem te deu asas para vir á altura,
donde derramo sobre a terra inteira
a chuva de fulgores que em mim tenho?
Olha nas cousas todas a alegria

de immergirem na luz fecunda e ardente
que de meu corpo em chammas irradia!
Que jubilo fremente,
que palpitar de festa
no azul do céo, no verde da floresta,
na agua inquieta do mar, na agua dormente
dos lagos! E ousas tu, mácula escura,

vir até mim, na altura,
turbar-me a luz, nublar-me a claridade?
Donde te veio essa temeridade?
Quem te gerou, vilissima creatura?

E a nuvem respondeu serenamente:
— Com rancores injustos vociferas,
sol radioso e inclemente!

De existir eu culpado és tu sómente:
quando teu igneo beijo acaricia
a agua inquieta do mar, a agua dormente
dos lagos, nem percebes que me geras,
tanto a intensa volupia te inebria !

Sol! a nuvem fugace
é como a dôr que nasce
do excesso da alegria!...

O COQUEIRO

O Coqueiro

Soffre sereno e intrepido! Asphyxia
na garganta a blasphemia dos protestos!
Cuidas, suppões que a dor se te allivia,
por te entregares ao furor dos gestos?
Nescio! Ao fazel-os, face e olhar congestos,
és apenas ludibrio da agonia!

Já reparaste acaso num coqueiro,

quando, sob um céo baixo,

o vergasta, em lufadas, o aguaceiro?

Que balançar do caule agigantado!

que mover farfalhante do pennacho!

Certo lhe déras, vendo-o assim, o intento,

o intento allucinado
de espanejar, limpar o firmamento
das brumas do nevoeiro...
No entretanto, o coqueiro
nada mais é, no louco movimento,
que um joguête do vento...

O MAR

O Mar

Calma-te e escuta, coração ancioso:

Limita os teus desejos ao possivel!
Um sonho é sempre um sonho, inaccessivel;
e o desabar de um sonho é doloroso!

Olha o mar: quando surge a lua cheia,

tonto de amor, ebrio de luz, parece
que, por beijal-a, todo se entumesce
e, ufano, o dorso liquido pompeia;
mas vai subindo a lua, indifferente,
e eil-o desfeito, humilimo e impotente,
em soluços de espuma sobre a areia...

PALAVRAS...

Palavras...

Tarde. Uma luz macia,
coada, na altura, em nuvens de cambraia,
sobre o revolto mar do céo descia.
Caminhavamos juntos pela praia...
Falavas, e eu te ouvia:

«Eras amado e amavas!...
E que delicia amar e ser amado

assim, com todo o ardor da mocidade,
seguro, como estavas,
de que esse amor profundo e partilhado,
se ambos fosseis eternos, duraria,
de certo, a eternidade!...»

E, na ingenua e feliz loquacidade,
nem vias, como eu via,

— tanto em sonhos te alavas aos espaços —
que já, de quando em quando,
sob a vaga espumante que as varria,
se iam sumindo rapido, fugaces,
as pégadas que, atrás, os nossos passos
vinham na areia humida deixando...

Falavas, e eu deixava que falasses...

A ARVORE E O ARBUSTO

A Arvore e o Arbusto

A arvore:

De que estás a tremer, humilde arbusto?
Que pavor te agonia?
Pódes ficar tranquillo inteiramente:
já vai longe a tormenta; a ventania
ululante e impotente
para vencer a fibra resistente

de meu caule robusto,
vingou-se, em furia, a vergastar-me a fronde;
arrebatou-me folhas e levou-as
comsigo, não sei onde...
Tu, porém, que soffreste, humilde arbusto?
Borrifos do aguaceiro,
nada mais; que de nada te magôas

sob este pallio augusto
de minha copa ramalhuda e espessa:
por que soffras, primeiro
é mister que eu padeça.
Eu te resguardo, á sombra de meus galhos,
da friagem da noite e seus orvalhos,
e, quando esplende o dia entre fulgores,

do sol e seus ardores:
por te fazer feliz entre os felizes,
tenho por ti desvelos de mãi bôa...

O arbusto:

Não, arvore! contesto o que me dizes.
A semente vivace,
de que brotou minh'haste fina e esguia,

cahiu aqui de um bico de ave, á tôa,
e germinou á tua sombra fria...
Antes não germinasse!
Eu devêra ser forte, um pouco menos
que tu, mas forte, e rijo, e alto, e aprumado!
e eis o que fez de mim o teu cuidado
contra os rigores causticos do dia

e os nocturnos serenos:
um ser falho, rachitico, mesquinho!
E falas em carinho,
em maternaes desvelos protectores!...
Desvelos teus? Mentira!
Sob teus ramos bastos,
o meu caule delgado em vão se estira,

na aspiração de ver os esplendores
dos longinquos céos vastos,
onde palpita e brilha
a excelsa maravilha
nocturna das estrellas,
e enrubesce o pudor das madrugadas,
e arde a brasa do sol radiosamente,

e morre a luz, nas tardes afogueadas,

nos incendios do poente...

E', porventura, assim que te desvelas?

Sob o pretexto falsamente amigo

de me dares abrigo,

vaes-me roubando á vida

a força, o alento, o estimulo, a alegria...

Basta de seres, arvore, fingida!
Não mais illudem teus ardis e enganos,
copia exacta, na astuta hypocrisia,
da hypocrisia astuta dos humanos...

O CANARIO

O Canario

Junto a mim, no meu quarto, prisioneiro
por excessivo ardor na travessura,
soluçava meu filho: o captiveiro
era-lhe, certo, a punição mais dura.

Nisto, um clamor estranho: vozes, gritos,
exclamações de famulos afflictos...

Ergui-me a ver. Nada de mais. Apenas
ficara aberto o aviario
e fugira o canario.

Vi-o: pousara num beiral fronteiro.
Nem mais o fugitivo parecia!
Como que se emplumara de outras pennas,
e exultava, aos pipilos, na alegria

de se ver livre agora,
livre da jaula estreita do viveiro,
de poder esvoejar, campos em fóra,
ao sol, ou de acolher-se, na floresta,
ao conchego das moitas e de um ninho,
para o jubilo intenso, para a festa
do amor e do carinho...

Vi-o. Olhavam-me os famulos attentos.
Nada lhes disse. Um gesto. Sem demora
foram-se. Então, seguindo o mesmo trilho,
voltei para meu quarto a passos lentos
e... libertei meu filho.

A QUEIMADA

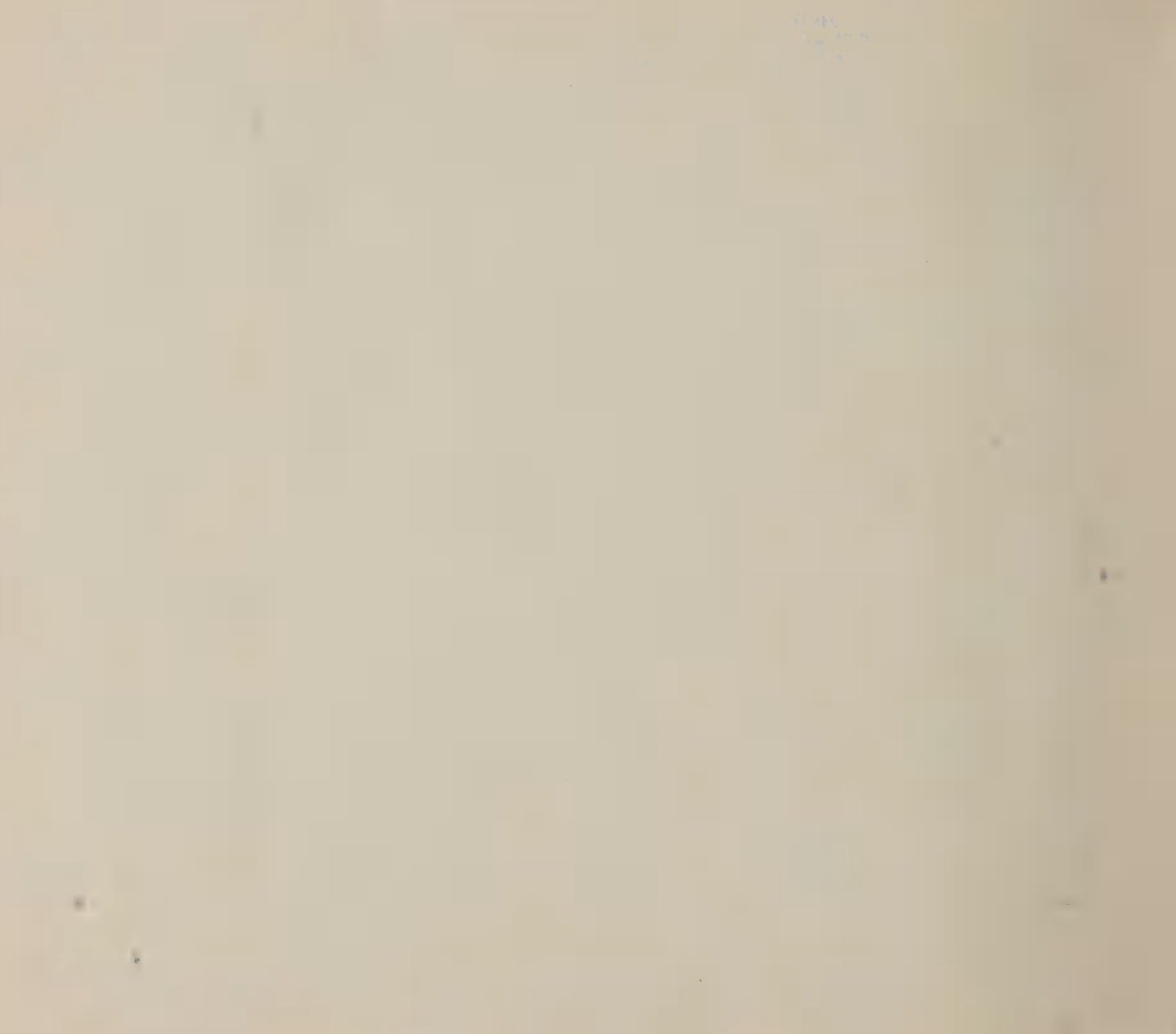
A Queimada

Tua voz moça alegremente exclama:
— Que esplendor do espectaculo, mais tarde,
d'aqui, de sobre o monte,
donde o olhar livremente se derrama!
Quando a noite descer profunda e escura,
todo esse pano de floresta, que arde,
ha de bordar, para os que estão na altura,

a fimbria do horisonte
de arabescos de flamma!...

E, de te ouvir a voz ante a queimada,
uma tristeza o coração me invade:
fico a pensar na tua mocidade
e na minha velhice começada...

Ai! quão já differentes
são os cuidados nossos!
Pensas na chamma, em flammulas ardentes...
e eu... no fumo, nas cinzas, nos destroços...

O PANTANO

O Pantano

Ouve e guarda comtigo
este conceito amigo:
Alma não ha de crimes tão perdida,
nem coração tão torvo e escuso e escuro,
que se não abra, uma só vez na vida,
ao riso em flor de um sentimento puro.

Olha: o pantano é todo
feito de vasa e lodo.

No entanto, em noites claras, é de vel-as:
na agua malsã que a vasa está cobrindo
chispam, tremeluzindo,
scintillações de estrellas...

INDICE

Indice

PAGINAS